



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Fundação instituída nos termos da Lei nº 5.152 de 21/10/1966 – São Luís/MA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

HIROSH DA SILVA MARTINS
DANIELA CRUZ SANTOS

PRÁTICAS CULTURAIS EM TRÂNSITO: o Boi Indígena Coração de Karazaó e as
amazônias maranhenses em Grajaú

Grajaú
2026

HIROSH DA SILVA MARTINS

DANIELA CRUZ SANTOS

**PRÁTICAS CULTURAIS EM TRÂNSITO: o Boi Indígena Coração de Karazaó e as
amazônias maranhenses em Grajaú**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências
Humanas/Geografia, do Centro de Ciências de
Grajaú da Universidade Federal do Maranhão/
UFMA, como requisito para obtenção do título de
licenciada sob orientação da Profa. Dra. Karina
Almeida de Sousa.

Grajaú
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Martins, Hirosh da Silva.

Práticas culturais em trânsito : o Boi Indígena Coração de Karazaó e as amazônias maranhenses em Grajaú / Hirosh da Silva Martins, Daniela Cruz Santos. - 2025.

45 f.

Orientador(a): Karina Almeida de Sousa.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2025.

1. Cultura Afro-indígena. 2. Boi Indígena Coração de Karazaó. 3. Boi-bumbá. 4. Grajaú. I. Sousa, Karina Almeida de. II. Santos, Daniela Cruz. III. Título.

HIROSH DA SILVA MARTINS

DANIELA CRUZ SANTOS

**PRÁTICAS CULTURAIS EM TRÂNSITO: o Boi Indígena Coração de Karazaó e as
amazônias maranhenses em Grajaú**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências
Humanas/Geografia, do Centro de Ciências de
Grajaú da Universidade Federal do Maranhão/
UFMA, como requisito para obtenção do título de
licenciada sob orientação da Profa. Dra. Karina
Almeida de Sousa.

Aprovado em: 27/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Caroliny Santos Lima
Universidade Federal do Maranhão

Hirosh Da Silva Martins

Dedico este trabalho à memória dos meus avós Natal Ferreira De Araújo Martins e Luiza Rodrigues De Araújo Martins, que sempre incentivaram a busca pelo conhecimento e cujos ensinamentos permanecem vivos em mim.

Daniela Cruz Santos

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor incondicional, pelos ensinamentos e pelo apoio constante, que foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Aos meus irmãos, pelo incentivo, companheirismo e por acreditarem em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores.

AGRADECIMENTOS

Hirosh Da Silva Martins

À Deus, autor das nossas histórias que com perfeição, sabedoria e paciência nos sustentou para chegar até aqui e nunca desistir, gratos por sua fortaleza e cuidado, que nos deu forças em nossos dias difíceis, para sempre seguir em frente, Senhor abençoe cada passo nosso, livra e protege de todo mal, amém.

À nossa orientadora, Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa, muito obrigado por todo o carinho e paciência que teve com cada um de nós, sua ajuda e dedicação conosco é de extrema importância e seremos sempre gratos por sua bondade e sabedoria.

Às nossas famílias, e amigos que nunca deixaram de acreditar, agradecemos por tudo que fizeram e fazem por nós, cada gesto fez toda diferença em nossas vidas, vocês são às bases, nosso porto seguro em meio ao caos que a faculdade é, em nossas vidas, estamos muito felizes por tudo, que Deus continue abençoando a vida de cada um. Nosso trabalho não é só nosso, é de todos que acreditaram e acreditam em nós, Gratidão por tudo!

Daniela Cruz Santos

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me concedido força, sabedoria e perseverança ao longo desta jornada. Aos meus pais, Maria da Silva Cruz e José Francisco de Jesus, pelo amor, incentivo e apoio constantes; e aos meus irmãos, especialmente a José da Cruz, que me ajudou a não desistir, demonstrando cuidado, parceria e incentivo contínuo.

À minha sogra, Maria José Moreira, pelo apoio, compreensão e carinho. Ao meu companheiro de vida, Victor Manoel Moreira da Silva, pelo incentivo, companheirismo e por ter sido meu suporte constante, permitindo que eu pudesse alcançar esta conquista.

À minha orientadora, Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa, pela dedicação e orientação na construção deste trabalho; e ao Hirosh da Silva Martins, por compartilhar comigo este belo projeto, pela parceria, comprometimento e colaboração ao longo de todo o processo. A todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização desta etapa, minha sincera gratidão.

*Meu boi tem o sangue dos Guajajaras,
É o boi do povo de Grajaú.*

RESUMO

A pesquisa investigou as manifestações culturais afro-brasileiras presentes na cidade de Grajaú, localizada no estado do Maranhão, com ênfase na expressão popular do “Boi Indígena Coração de Karazaó”. O boi-bumbá representa uma forma de resistência, identidade e memória da cultura negra e indígena grajauense. Assim, partimos da compreensão de que o boi-bumbá, além de espetáculo folclórico, constitui um espaço simbólico de afirmação das raízes africanas e indígenas no município. A metodologia adotada envolveu pesquisa bibliográfica, observação participante em festejos locais e análise documental e análise de registros históricos. Os resultados apontam que o boi-bumbá em Grajaú se configura como um instrumento de valorização cultural, articulando elementos como música, dança, indumentária e narrativas orais que promovem o fortalecimento de uma identidade coletiva indígena na cidade. A pesquisa também evidencia o papel das lideranças culturais na transmissão intergeracional dos saberes e na manutenção das tradições frente aos desafios da modernidade e da marginalização cultural e da ausência de financiamentos e apoios públicos. Conclui-se que o Boi Indígena Coração de Karazaó em Grajaú transcende o entretenimento, sendo uma prática viva de resistência e celebração da cultura negra maranhense. Os resultados produzidos nesta pesquisa apontaram uma forte presença de elementos afro-brasileiros e indígenas nas performances, configurando tais práticas como instrumentos de afirmação identitária e resistência frente a processos de apagamento cultural. Conclui-se, que o boi-bumbá em Grajaú permanece como território simbólico onde valores, memórias e cosmovisões de matriz africana e indígenas são ressignificados e atualizados pelas comunidades.

Palavras-chave: Cultura afro-indígena; Boi Indígena Coração de Karazaó, boi-bumbá; Grajaú.

ABSTRACT

This research investigated Afro-Brazilian cultural manifestations present in the city of Grajaú, located in the state of Maranhão, with an emphasis on the popular expression of the “Boi Indígena Coração de Karazaó”. The boi-bumbá represents a form of resistance, identity, and memory of the Black and Indigenous culture of Grajaú. Thus, we started from the understanding that the boi-bumbá, in addition to being a folkloric spectacle, constitutes a symbolic space for the affirmation of African and Indigenous roots in the municipality. The methodology adopted involved bibliographic research, participant observation in local festivities, and documentary and historical record analysis. The results indicate that the boi-bumbá in Grajaú is configured as an instrument of cultural valorization, articulating elements such as music, dance, clothing, and oral narratives that promote the strengthening of a collective Indigenous identity in the city. The research also highlights the role of cultural leaders in the intergenerational transmission of knowledge and in the maintenance of traditions in the face of the challenges of modernity, cultural marginalization, and the absence of public funding and support. It is concluded that the Boi Indígena Coração de Karazaó in Grajaú transcends entertainment, being a living practice of resistance and celebration of the black culture of Maranhão. The results produced so far have pointed to a strong presence of Afro-Brazilian and indigenous elements in the performances, configuring these practices as instruments of identity affirmation and resistance against processes of cultural erasure. It is concluded, to date, that the boi-bumbá in Grajaú remains a symbolic territory where values, memories and worldviews of African and indigenous origin are re-signified and updated by the communities.

Keywords: Afro-Indigenous culture; Boi Indígena Coração de Karazaó; boi-bumbá; Grajaú.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Apresentação do grupo Bumba-meu-boi no Arraial Zeca Teixeira 2025.....	12
Figura 2 - Lenda Dos Tuxauas, Boi-bumbá Tribos Da Vila no Arraial Zeca Teixeira 2025.....	13
Figura 3 - Apresentação, Boi-bumbá Tribos Da Vila no Arraial Zeca Teixeira 2025.....	14
Figura 4 - Apresentação do grupo Boi-bumbá Indigena Coração de Karazaó no Arraial Zeca Teixeira 2024.....	17
Figura 5 - Apresentação do Boi-bumbá Tribos da Vila no ano de 2022.....	19
Figura 6 - Imagem do grupo Boi-bumbá Tribos da Vila após apresentação no Arraial Zeca Teixeira 2024.....	20
Figura 7 - Apresentação da Sinhazinha da fazenda do grupo Boi-bumbá Indigena Coração de Karazaó no Arraial Zeca Teixeira 2025.....	21
Figura 8 - Imagem da construção do tablado no Arraial Zeca Teixeira 2025.....	23
Figura 9 - Imagem do grupo Carimbó Raízes do Mearim no Arraial Zeca Teixeira 2025.....	24
Figura 10 - Imagem da quadrilha Mocidade Junina no Arraial Zeca Teixeira 2024.....	25
Figura 11 - Apresentação do Boi-bumbá Indigena Coração de Karazaó no Arraial Zeca.....	28
Figura 12 - Apresentação do Boi-bumbá Indigena Coração de Karazaó na Aldeia Morro Branco em Grajaú-Ma.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 OS BOIS DA AMAZÔNIA MARANHENSE	11
Percursos metodológicos	14
1.1 Práticas Culturais no Maranhão: Os Bois	16
1.2 Arraial Zeca Teixeira	22
2 KARAZAÓ: a história e cultura do boi indígena	27
3 CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A formação e experiência de um dos autores deste texto em relação às manifestações culturais afro-diaspóricas no Maranhão, bem como dos contatos com pessoas que também atuam nesse campo apresentou-se como o elemento inicial de uma série de inquietações que culminaram na elaboração desta pesquisa. Antes disso, precisamos explicitar alguns desses incômodos e conseqüentemente, como tais incômodos foram transformados em questões de pesquisa. Em uma primeira camada, observamos o distanciamento dos órgãos públicos em relação aos agentes culturais, nesse caso, nos referimos aos sujeitos que mobilizam a cidade em torno das festividades durante todo o ano, nos referimos especialmente, as festas juninas, mas também a outras formas de manifestações culturais, tal observação indica a relevância de estudos voltados aos grupos culturais existentes no município.

O trabalho desenvolvido pelos grupos culturais assume um papel fundamental, envolvendo a elaboração de coreografias, danças, indumentárias e personagens simbólicos do imaginário popular maranhense e amazônico, revelando o empenho e a dedicação de cada brincante desde os ensaios, a confecção de adereços, até o momento da apresentação. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo compreender as lógicas de organização e os sentidos atribuídos aos grupos culturais de boi-bumbá no município de Grajaú–MA, tomando como referência o grupo Boi Indígena Karazaó, buscamos também analisar os aspectos históricos, simbólicos, sociais e culturais do grupo, bem como investigar sua contribuição para a preservação da memória cultural local, e compreender seu papel no fortalecimento do imaginário popular dentro do contexto das festas juninas.

O município de Grajaú está localizado no estado do Maranhão na região Nordeste, um ponto de encontro entre os dois principais biomas do país, posicionado entre as serras destacando-se a Serra da Canela e a Serra Negra (Ferreira, 2023). Parte do território, anteriormente chamado de Fazenda Chapada pertenceu a Manoel Valentim Fernandes, sendo também ocupado por aldeias indígenas, levando à conflitos territoriais entre os habitantes e os, então, bandeirantes. Atualmente, Grajaú abriga 73.872 habitantes de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2022. O Município abriga comunidades tradicionais, ribeirinhas e lavradores, majoritariamente, obtendo lucros de suas principais fontes de renda, como a pesca, o cultivo de grãos, o gesso e a agricultura familiar. As principais tradições da cidade estão

relacionadas a sua formação e as contribuições de seus moradores, como a Festa da Menina Moça e a Festa do Rapaz (rituais vinculados a etnia Guajajara), as festas juninas (quadrilhas juninas e bois), as manifestações religiosas e ligadas ao agronegócio (EXPOAGRA).

As festas juninas são um tipo de manifestação cultural celebrada em todo o Brasil. Segundo Nascimento (2019), os primeiros registros dessas festas remontam a meados do século XII na França, simbolizando o início do verão e das colheitas. Ainda segundo o autor, após algum tempo essa origem foi associada ao catolicismo. Já segundo Chianca (2007, p.52), “as festas juninas de então não se limitavam apenas aos rituais oficiais católicos, durante esse período certos serviços da cidade ferriavam por causa da festa”.

Esses tipos de festas e eventos são de suma importância para a economia local na cidade. Segundo Nascimento (2019), em algumas cidades as festas são responsáveis pelas principais fontes de recursos, respondendo à movimentação do comércio local e da geração de empregos. Já o catolicismo se manifesta através de festejos, procissões e datas comemorativas dos três santos católicos, como, por exemplo, São João, Santo Antônio e São Pedro.

As festas juninas adquiriram grande importância em diversas cidades, principalmente do Nordeste brasileiro, chegando a ganharem repercussão internacional¹. Essas festividades expressam a paixão de cada brincante² pela festa, representam ainda, onde cada brincante une formas de expressão musical, coreográficas e brincadeiras. De acordo Morigi (2002), as festas juninas são um tipo de síntese ao nordeste que através das coreografias, frases e músicas nos remetem a grandes figuras nordestinas do Brasil e que o São João é uma festa com a cara do Nordeste. As festas juninas, geralmente, são brincadas entre os dias 12 de junho, véspera do dia de Santo Antônio ao dia 29 de junho, dia de São Pedro³. Morigi (2002, p 253) “ainda nos diz que em todo Nordeste os Santos são comemorados com muita reverência e festa, eles são reverenciados nas igrejas e com muito forró”. Em alguns lugares as festas vão até meados do mês de julho.

O movimento cultural das festas juninas é organizado de forma a abrigar e elaborar festas denominadas arraiais, conforme defende Costa (2022). Nos arraiais o povo se diverte até de madrugada com atrações durante o mês de junho, mês em que os Santos são homenageados em todos os cantos do município- no sertão, nos bairros, nas escolas e nas casas. No dia em que se

¹ Ocorrem em países com comunidades brasileiras, como forma de preservar e divulgar a cultura nacional.

² Aquele que brinca, brincador. Participante do folguedo folclórico ou qualquer ato popular como o carnaval.

³ No catolicismo popular Santo Antônio é o santo casamenteiro, já São Pedro é conhecido como o primeiro papa.

comemora o dia de São Pedro, Santo Antônio e São João é comum se encontrar uma fogueira na frente das residências, representando uma forma de agradecer aos santos.

Em Grajaú, as festividades juninas se encerram com o “Arraial Zeca Teixeira”. Segundo Morigi (2002) a mídia divulgava antecipadamente o que teria nas festas juninas como os nomes das atrações musicais regionais e nacionais, incluindo cantores, cantoras e grupos musicais com participação confirmada, além das principais apresentações do evento, ou seja, basicamente o que ocorre no Arraial Zeca Teixeira, através de redes sociais. A Secretaria de Cultura começa a divulgar um mês antes as grandes atrações, como bandas cantores e para os brincantes as inscrições para apresentação dos grupos. Durante os dias de festividade várias atrações culturais são apresentadas ao público, além da oferta de serviços de alimentação e bebidas e serviços de higiene (Grajaú, 2021). As apresentações mais presentes nas festas juninas são quadrilhas, capoeira, carimbó, xaxado e os Bois. Os Grupos das principais regiões e estados se deslocam para Grajaú com o objetivo de se apresentar e de disputar os prêmios ofertados pelo município e pelo governo do estado, eles se apresentam naquele que é hoje considerado, o maior arraial da região sul do estado, o Arraial Zeca Teixeira.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar a presença dos grupos culturais de boi-bumbá em Grajaú, focando especificamente no grupo Karazaó. A pesquisa busca compreender as interações culturais e a importância desse grupo para a cidade, evidenciando suas práticas culturais, sociais e sua contribuição para a identidade local. Para alcançar os objetivos propostos serão utilizadas diferentes técnicas e ferramentas de pesquisa, iniciando pela revisão bibliográfica- que busca embasar teoricamente o estudo- foram consultados livros, artigos acadêmicos, teses e outros documentos que tratem de estudos sobre o boi-bumbá no Maranhão e suas conexões com outras manifestações culturais, como os bois de Parintins. Foi executada também uma busca nos registros na Secretaria de Cultura de Grajaú, nesse caso, especificamente, almejando obter mais informações sobre o grupo Karazaó.

A pesquisa de campo foi realizada a partir de visitas aos eventos culturais e ensaios do grupo Karazaó e outros grupos de boi-bumbá da cidade. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas, com perguntas estruturadas direcionadas aos membros do grupo Karazaó, organizadores e brincantes. Nesses casos, as entrevistas tiveram como objetivos captar as

percepções sobre o grupo, suas histórias e a importância cultural e social dessa manifestação para a cidade.

Durante o processo de pesquisa de campo, foram registradas imagens dos ensaios, apresentações e demais atividades culturais do grupo Karazaó. As fotografias serviram tanto como um registro visual das manifestações culturais quanto como um apoio para a análise do contexto e da relação do grupo com a cidade. Participamos ativamente de algumas atividades do grupo, observando os ensaios e as apresentações nos eventos culturais da cidade, o que nos permitiu analisar a construção do espetáculo desde a escolha do tema ao encerramento, contribuindo para uma compreensão mais profunda do papel do grupo dentro da comunidade e da sua dinâmica de funcionamento.

A pesquisa de campo também foi essencial para entendermos a dinâmica e a importância cultural do grupo Karazaó *in loco*. Ao realizar entrevistas, observações e registros fotográficos, estivemos mais próximos da realidade dos participantes, possibilitando uma compreensão mais rica e detalhada da contribuição do grupo para a cultura local.

1 OS BOIS DA AMAZÔNIA MARANHENSE

No Maranhão costumamos ter o Bumba-meu-boi e os Boi-bumbá. Segundo a jornalista e escritora Campos (2022) “O bumba meu boi surgiu na região Nordeste, no século XVIII, época em que o gado era de extrema importância na economia local. Além disso, o boi é um animal com diferentes simbologias ao longo da história, o que contribuiu para o seu protagonismo no folclore regional.” O Bumba-meu-boi compõe parte do imaginário e das práticas culturais que identificam o Maranhão e os afro-maranhenses, os principais personagens do enredo do Bumba-meu-boi são o boi, dono da fazenda, casal, vaqueiro e caboclos e os músicos que os acompanham durante a apresentação.

A história retratada pelo Bumba-meu-boi (figura 1) é da saga da Mãe Catirina e Pai Francisco que são dois escravos que residem numa fazenda no sertão. Catirina, grávida, sente o anseio de devorar a língua do boi mais atraente do proprietário da fazenda. Pai Francisco, para satisfazer o anseio de sua esposa, subtrai o boi favorito do proprietário da fazenda, mata-o e remove a língua para que sua esposa possa comê-la. O vaqueiro é informado sobre o roubo e a morte do boi, e notifica seu empregador. Indignado, o proprietário das terras promete vingança e inicia a perseguição ao casal. Ao término da peça, os personagens conseguem reviver o boi e, em agradecimento, o proprietário da fazenda organiza uma celebração.

Figura 1 - Apresentação do grupo Bumba-meu-boi no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do Secretário de Cultura Messias Galvão Pereira Junior

Já o Boi-bumbá (figura 2) foi introduzido na cultura amazonense no início do século XX, quando a população começou a criar bois de pano decoradas para desfilarem e brincar nas ruas. Foi nesse contexto, em 1913, que surgiram os Bois Garantido e Caprichoso, hoje as principais atrações do Festival de Parintins⁴. A cidade de Parintins, a segunda maior do Amazonas, tornou-se o principal palco dessa prática. O primeiro festival oficial aconteceu em 1966. Nas edições iniciais, o evento era conhecido como Toada Amazônica, em razão da forte influência indígena, que adicionou novos elementos ao boi-bumbá. Diferentemente do bumba-meu-boi, o boi-bumbá apresenta uma relação próxima às culturas do Amazônidas. Durante a apresentação são reproduzidas as principais lendas dos povos indígenas amazônidas, entre elas estão a lenda do pajé, curupira, cunhã poranga, os tuxauas etc. Os Bois representam personagens de uma festa popular muito celebrada nesta região.

Figura 2 - Lenda Dos Tuxauas, Boi-bumbá Tribos Da Vila no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do autor Hirosh da Silva Martins

⁴ É uma competição artística baseada na lenda e brincadeira do boi, onde os bois desfilam apresentando temas amazônicos, indígenas e folclóricos.

O Festival Folclórico de Parintins popularizou a figura do Boi na região local. Ambos, o Boi Caprichoso e o Boi Garantido, foram fundados no ano de 1913. Enquanto o primeiro, conhecido como o touro negro, foi fundado por famílias nordestinas, torando-se um dos símbolos mais importantes de Parintins, o segundo nasceu de uma promessa feita a São João Batista, em que um homem estava muito doente e que se ele se curasse, ele ia construir um boi para alegrar a vida das pessoas nos festivais de festas juninas.

Desde a descoberta de manifestações culturais de certa forma dos bois maranhense e dos bumbás amazônicos em meados da segunda metade do século XIX onde as apresentações de bois se concentravam em ruas e praças da cidade onde o enredo se concentrava na morte e renascimento de um boi, eles costumavam trazer características culturais de um tempo colonial do Norte e Norte brasileiro, esse costumava ser o enredo dos bois pelo mundo, a partir daí a evolução, das apresentações (figura 3) tem se tornado mais complexa, evoluída e mais dependente do ambiente em que reside, onde segundo Costa (2021a) onde tais apresentações usavam de cantos, danças, personagens e de um texto dramático para o entretenimento das pessoas da cidade.

Figura 3 - Apresentação, Boi-bumbá Tribos Da Vila no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do autor Hirosh da Silva Martins

1.1 Práticas Culturais no Maranhão: Os Bois

Os Bois bumbás buscam referências coreográficas e musicais, além da indumentária, nos dois maiores Bois de Parintins- Boi Negro Caprichoso e o Boi Branco Garantido. Em Grajaú, existiam dois bumba-meu-boi, o Boizinho de Lata e o Boi Brilho da Noite, hoje em dia só temos um dos citados, o Boizinho de Lata. Este último foi criado no dia 05 de maio de 2004 por Carlos Alberto Rodrigues dos Santos, a ideia da criação do grupo surgiu através de “Uma brincadeira de crianças na pracinha na qual elas dançavam e coreografaram como se estivessem dançando o bumba meu boi, tendo em vista o que presenciou o Senhor Carlos Alberto resolveu assim criar um boi feito de lata, corda e cano e assim foi formado o grupo Boizinho de Lata. O grupo tem se apresentado em diversos arraiais pela cidade e região, tendo completado, no ano de 2025, 21 anos de criação. O Boi Brilho da Noite, fundado em 09 de abril de 1991 pela iniciativa de Antônio Luís De Sousa (Nego Tonho), João da Cruz Atenas, e Luís Carlos Pinheiro, tendo como seu principal representante, fundador e cantor Mestre Atenas. O Grupo brilhou durante anos consolidando um dos mais culturais na memória festiva de nossa cidade.⁵

Os principais Bois-bumbás da cidade são: (1) Boi Indígena Karazaó (figura 4), que no ano de 2025 completou 25 anos de existência- fundado em 22 de abril do ano de 2000 por José Ambrósio de Sousa Guajajara e Francisco Hilario dos Santos Silva; (2) Boi Guarani, com 17 anos de existência- foi fundado em 02 de abril do ano de 2008 por Wilasmar Santana Lima, Eliane Carvalho Nascimento, Railton Bill de Sousa e Maria Aparecida da Silva Leite; (3) Boi Tribos da Vila é um dos mais recentes, possui quatro anos de existência- criado em 2 de maio de 2022 por Hirosh da Silva Martins e Mateus Silva Santos; (4) Boi Originários Ka a Pyah/felicidade e alegria fundado por Waywan Oliveira de Sousa Guajajara, juntamente com a juventude indígena da Aldeia Japão da Terra Indígena Morro Branco em 02 de maio 2023 que em 2025.

Figura 4 - Apresentação do grupo Boi-bumbá Indígena Coração de Karazaó no Arraial

⁵ Entrevista concedida em 20 de maio de 2025 pelos senhores Carlos Alberto Rodrigues Dos Santos, João Da Cruz Atenas e Antônio Luís de Sousa (Nego Tonho).

Zeca Teixeira 2024



Fonte: Arquivo pessoal do organizador do grupo João Vitor da Silva Barros Guajajara

Neste capítulo, direcionamos nossa atenção ao grupo folclórico-cultural Boi-Bumbá “Tribos da Vila”, do qual um dos autores desta pesquisa é fundador. A escolha desse objeto de estudo fundamenta-se na trajetória pessoal do pesquisador, compreendida aqui como elemento legítimo de análise, uma vez que a vivência direta com o fenômeno investigado possibilita uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas culturais locais, conforme apontam estudos sobre memória, identidade e cultura popular. Desde a infância, sempre houve uma forte identificação com as manifestações culturais da minha cidade Grajaú–MA, especialmente aquelas relacionadas às festas populares e aos grupos folclóricos. Contudo, durante esse período, a participação em atividades culturais como quadrilhas juninas, capoeira, dança de rua e grupos de boi era desencorajada no ambiente familiar. Tais práticas eram compreendidas, sob uma ótica socialmente difundida, como associadas à ausência de perspectivas profissionais e, em alguns casos, a trajetórias consideradas desviantes. Em contraposição a essa visão, para o pesquisador, essas expressões culturais representavam espaços de sociabilidade, alegria, pertencimento e construção identitária.

Somente no ano de 2015, com o apoio de um familiar próximo, foi possível a inserção em um grupo cultural comunitário, sendo a primeira experiência vivenciada na quadrilha junina “Botafogo na Fogueira”, situada no bairro de residência. Embora a participação tenha ocorrido por

apenas um ano, essa vivência foi fundamental para o fortalecimento do vínculo com as tradições populares e para a compreensão do papel dessas manifestações na preservação da memória coletiva e da identidade local. Atualmente, o referido grupo não mais integra o cenário cultural do município, evidenciando a fragilidade estrutural enfrentada por muitas iniciativas culturais comunitárias. A partir dessa experiência inicial, intensificou-se a busca por outros grupos culturais, sempre com o apoio familiar. Nesse contexto, no ano de 2016, ingressamos no grupo folclórico-cultural “Boi-Bumbá Guarani”, no qual permanecemos por aproximadamente três anos, atuando como dançarino. Contudo, em decorrência de desavenças com a organização do grupo, optou-se pelo desligamento da agremiação, sendo 2018 o último ano de participação.

No ano seguinte, 2019, passamos a integrar o “Boi-Bumbá Indígena Karazaó”, permanecendo por um período de um ano. Ainda que breve, essa experiência contribuiu significativamente para a ampliação do repertório cultural e para a compreensão das diferentes formas de organização, estética e funcionamento interno dos grupos de boi-bumbá existentes no município. Em 2021, ocorreu uma tentativa de retorno às origens por meio da criação de uma quadrilha junina denominada “Os Cangaceiros da Vila”. Contudo, a iniciativa não avançou para além da fase de ensaios, uma vez que a identificação artística do pesquisador estava mais diretamente relacionada ao boi-bumbá do que à quadrilha junina. Diante disso, a coordenação do grupo foi repassada a outro morador do mesmo bairro, garantindo a continuidade da iniciativa cultural na comunidade. Ainda em 2021, houve um retorno ao Boi-Bumbá Guarani, entretanto o ambiente já não se mostrava favorável à permanência. Esse contexto impulsionou reflexões acerca da autonomia cultural e da necessidade de criação de um espaço próprio de expressão artística, alinhado aos valores, identidades e aspirações do território de origem. Foi a partir dessas reflexões que emergiu a decisão coletiva de fundar um grupo cultural próprio. Assim, no ano de 2022, foi criado o grupo folclórico-cultural Boi-Bumbá Tribos da Vila (figura 5), em parceria com a quadrilha “Os Cangaceiros da Vila”, uma vez que ambas as iniciativas surgiram no mesmo bairro. A denominação “Vila” refere-se ao bairro “vilinha”, cujo nome está presente nos dois grupos, reforça o vínculo territorial e identitário com a comunidade de origem, evidenciando a cultura popular como instrumento de pertencimento, resistência e valorização das tradições locais.

Figura 5 - Apresentação do Boi-bumbá Tribos da Vila no ano de 2022



Fonte: Arquivo pessoal do autor Hirosh da Silva Martins

A parceria criada entre os dois grupos durou apenas um ano, por divergências dos organizadores da quadrilha optou-se pelo fim da parceria. Foi então que em 2023, com 12 dançarinos, seguimos trabalhando a partir daí diversas atividades foram realizadas com o objetivo de arrecadar recursos necessários para a manutenção do grupo, como por exemplo: cinemas e torneios. Os valores arrecadados eram convertidos em indumentárias e artigos usados nas apresentações visto que o apoio oferecido pelos órgãos públicos não supria todos os investimentos. Em 2024 que o Boi bumbá Tribos da Vila alcançou seu auge, isso se deveu, particularmente, ao crescimento dos apoios financeiros ofertados por políticos. Naquele ano o número de integrantes saltou de 12 para 30. Número que se aproximava dos grupos de elite da cidade. Naquele ano o Boi Bumbá emocionou o público cujo tema era “Amazonia do povo vermelho - Histórias que atravessam o tempo” durante sua apresentação no Arraial Zeca Teixeira.

Figura 6 - Imagem do grupo Boi-bumbá Tribos da Vila após apresentação no Arraial Zeca Teixeira 2024



Fonte: Arquivo pessoal do autor Hirosh da Silva Martins

O trabalho desenvolvido pelos grupos culturais envolve a elaboração de estudos coreográficos, danças, indumentárias e a criação de personagens fantásticos relacionados ao imaginário popular maranhense e amazônico. Esses dados evidenciam parte do esforço coletivo dos brincantes desde os ensaios, a construção de adereços e fantasias, até o momento da grande apresentação. Nesse sentido, este estudo busca compreender a influência e os processos de adaptação das práticas culturais do boi-bumbá maranhense na cidade de Grajaú, bem como identificar as relações existentes entre os grupos de boi-bumbá do Maranhão e suas conexões com outras manifestações culturais, especialmente os bois de Parintins.

Além disso, pretende-se conhecer a trajetória histórica e cultural do grupo Boi Indígena Karazó e compreender sua importância para as práticas culturais do município de Grajaú, analisando de que maneira o grupo contribui para a preservação da memória cultural local. Busca-se também analisar os processos de escolha do repertório musical e das coreografias, assim como compreender a confecção das roupas, indumentárias e fantasias utilizadas nas apresentações, elementos fundamentais para a construção estética, simbólica e identitária do boi-bumbá no contexto das festas juninas. Inclusive a grupos de Bumba-Meu-Boi de Grajaú que não estão em atividade, mas que contribuíram para a memória cultural da cidade são eles o Boi do Casca de Bala, Boi do Nonatão – Mangueira, Boi da Vila Kennedy – Rei da Vila, Boi Raio de Lua, Boi Brilho da Noite, Boi Indígena, Rei da Prata – Dona Coça, Boi de Corda (Grajaú,2021).

Figura 7 - Apresentação da Sinhazinha da fazenda do grupo Boi-bumbá Indígena Coração de

Karazaó no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do organizador do grupo João Vitor da Silva Barros Guajajara

O Boi Rei da Vila, o primeiro Boi trazido para a cidade de Grajaú, foi fundado por Antônio Luís de Sousa (Nêgo Tonho), em 15 de abril de 1993, ficando cinco anos em seu poder. A partir do quinto ano de existência, Antônio Sousa vendeu os direitos do seu boi para outra pessoa, pessoa essa que, a partir daí fez uma releitura. O Boi Rei da Vila inaugurou a organização de outros quatro bois. O Boi Indígena Karazaó foi criado após a venda dos direitos do Boi Rei da Vila a partir daí o rebatizou, a partir desse momento outros Bois foram sendo criados. A criação do Boi Guarani, por exemplo, ocorreu devido a “divergência” nos bastidores do Boi Indígena Karazaó, criando assim uma rivalidade, que dura até os dias atuais.

Buscando um paralelo com os Bois de Parintins, partimos da hipótese de que essa rivalidade é vista como cunho competitivo entre os Bois de Parintins possa ter influenciado a dinâmica dos bois de Grajaú. Os Bois do município, se inspiram nas rivalidades coreográficas dos dois maiores Bois De Parintins, pois por lá existe uma competição para eleger o melhor Boi da região. Em Grajaú essa competição não existe.

A rivalidade entre os Bois de Parintins está relacionada principalmente à construção histórica e simbólica das duas agremiações, que representam identidades culturais distintas da cidade. Embora o Festival Folclórico de Parintins contemple a premiação do grupo vencedor, a disputa vai além de questões financeiras, sendo marcada pela valorização de elementos culturais,

artísticos e indígenas. As apresentações buscam homenagear os povos originários da região, especialmente os indígenas guerreiros da antiga tribo de Parintins, reafirmando a importância da memória, da tradição e da identidade amazônica. A rivalidade serve para obter o título de melhor Boi da região e um valor de 20 mil reais. O Festival, onde traz a rivalidades dos dois maiores Bois da região, tem como cunho entreter, emocionar e mostrar o suor em que cada um que estar ali envolvido naquele grandioso espetáculo.

No contexto dos festejos públicos, os cronistas idealizaram expressões lúdicas suburbanas. Organizadores de agremiações buscaram alianças com escritores e literatos, orientados por laços de patrocínio para garantir reconhecimento positivo aos agentes de bumbás. Diferentes estratos sociais se uniram em torno de referências simbólicas ligadas à tradição, reinventando continuamente suas formas de celebração (Costa, 2021b). Na cidade de Grajaú não existe uma competição oficial entre os Bois, pois segundo a assessoria da prefeitura do município a partir do momento em que eles provem competições para eles acaba uma parte do brilho de cada apresentação, ou seja, para eles as pessoas hoje em dia não sabem mais brincar, só sabem brigar e que em uma competição ninguém aceita perder, tanto que eles estão considerando acabar com a competição municipal e regional de quadrilhas do Arraial Zeca Teixeira nos próximos anos.

Partindo da necessidade de cada cidade onde existem esses grupos culturais e do tempo que cada participante ou brincante dedica às atividades relacionadas ao grupo, as megas apresentações culturais começam no mês de janeiro e atravessam o primeiro semestre do ano. Mas cada tempo que eles usam do seu dia é recompensado pelas palmas do público nas apresentações culturais a emoção e alegria é tanta que até choram de felicidade por fazerem partes desse belíssimo movimento cultural. Os primeiros atos de manifestações culturais surgiram quase por acaso e levaram para a sociedade conhecimento de culturas, lendas e mitos indígenas e maranhense para vários estados brasileiros onde tais conhecimentos nos faz enxergar de uma forma diferente as realidades do povo brasileiro e dos povos indígenas existentes nos arredores da cidade de Grajaú maranhão, povos esses que sofrem diariamente com o preconceito da sociedade

1.2 Arraial Zeca Teixeira

A rivalidade entre esses grupos culturais de Grajaú vem de longa data e se baseia nas rivalidades existentes nos grupos de Bois dos seus antepassados. Segundo Costa (2021a) os grupos rivais de boi como "contrários" não admitiam reconciliação ou cooperação entre eles. Essa

rivalidade intensa era uma característica marcante dessas tradições culturais, onde a competição entre os grupos era vista como uma parte essencial da dinâmica social e cultural. Nesse sentido, é importante remontamos a origem e apresentamos uma síntese sobre o Arraial Zeca Teixeira (figura 6), visto que este foi o maior palco de tais rivalidades e hoje representa o espaço primordial das apresentações.

Figura 8 - Imagem da construção do tablado no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do Secretário de Cultura Messias Galvão Pereira Junior

A rivalidade desses grupos culturais naquela época aumentou a emoção das apresentações, mas também consolidou a identidade e a união dentro de cada grupo, proporcionando uma experiência envolvente e emocionante para o público. Ultimamente, Grajaú não existe competição oficial entre os grupos de Boi na cidade mais a rivalidade de antigamente respingou neles pois atualmente os grupos culturais da cidade costumam ser rivais em tudo, desde as músicas, coreografias, e até mesmo na quantidade de componentes que cada um possui.

O Arraial Zeca Teixeira recebe este nome em homenagem a um dos pioneiros dessa festividade, José Teixeira Filho. José Teixeira Filho era brincante de quadrilha e foi responsável pelo impulsionamento do movimento artístico nos anos de 1980 em Grajaú. Atualmente, o Arraial atrai muitos visitantes, movimentando a cultura e economia local. Durante os dias de evento são comercializadas comidas e bebidas típicas, adereços e adornos indígenas, além das apresentações diárias de quadrilhas e bois. O evento acontece no mês de junho, seguindo a tradição das então

chamadas de “festas juninas”. Além disso, o Arraial é patrocinado pela Prefeitura da cidade, por intermédio da Secretaria de Cultura.

Figura 9 - Imagem do grupo Carimbó Raízes do Mearim no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do presidente do grupo José Alcides Soares Dias Junior

Segundo o atual secretário de cultural do município, a prefeitura

procura patrocinar não apenas em questões de dinheiro para o espetáculo mas também na questão de lanche para os grupos se alimentarem antes e depois das apresentações, na questão do transporte do grupo de um arraial ao outro, até por que a demanda de arraiais locais costuma ser grande e precisa de todo um apoio da Secretaria de Transporte em parceria com a Secretaria de Cultura, e também o patrocínio de um ponto de apoio que eles costumam arrumar para que o grupo troque suas vestimentas em segurança e esperem até seu horário de se apresentarem para a população que os aguardam ansiosamente pelo o espetáculo (Pereira Junior, entrevista realizada em 13 de janeiro de 2026).

Durante os nove dias de evento, acontecem várias apresentações culturais (figura 8) e disputas por prêmios que podem chegar, atualmente, a R\$45 mil reais. Valor este distribuído entre as categorias as seguintes premiações: (1) Quadrilhas Regionais e Interestaduais- Primeiro lugar R\$15.000 reais, segundo lugar R\$11.000 reais, terceiro lugar R\$7.000 reais. Já no concurso de (2) Quadrilhas Indígenas segue a seguinte premiação: primeiro lugar R\$7.000 reais, segundo lugar R\$5.000 reais, terceiro lugar R\$3.000 reais, esses foram os valores relacionados ao ano de 2025. Lembrando que os valores costumam variar de acordo com o ano⁶.

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 19 de janeiro de 2026 pela Assessora da Secretaria de Cultura Maria Alice Rodrigues, na cidade de Grajaú.

Figura 10 - Imagem da quadrilha Mocidade Junina no Arraial Zeca Teixeira 2024



Fonte: Arquivo pessoal do brincante Iuri Silva Gomes

Segundo o Secretário de Cultura do município de Grajaú

O arraial Zeca Texeira foi fundado em 1988 como forma de fortalecer e resgatar a cultura junina do município e região, especialmente as quadrilhas juninas que representam a cultura popular local. [...] a partir dos anos 2000 o arraial passou a ser organizado pela Prefeitura da cidade, tornando assim referência no sul do Maranhão, o arraial varia entre 5 a 9 dias de apresentações o que vai depender muito da quantidade de apresentações inscritas⁷ (Pereira Junior, entrevista realizada em 13 de janeiro de 2026)

Com o passar dos anos o Arraial foi se transformando, até que em 2023, por exemplo, foi transmitido ao vivo pela internet. Feito que alterou a relação de muitos brincantes com o evento, considerando-se que agora é possível acompanhar o Arraial das suas residências até mesmo nos locais mais distantes da sede do município. Em 2025 as apresentações culturais passaram a ocorrer em cima de um grande tablado, tal como nos arraiais de grandes cidades do Maranhão. Deste modo, destacamos que

O arraial Zeca Teixeira possui décadas de existência ultrapassando 30^o edições, ao longo do tempo foi formalizado pela Prefeitura de Grajaú por meio da Secretaria de Cultura como principal e oficial palco de festejos juninos, reunindo apresentações artísticas locais, regionais e nacionais, músicas e muita comida típicas. Ele geralmente acontece na praça Raimundo Simas no (centro de Grajaú) e entrega a celebração dos festejos juninos atraindo

⁷ Entrevista de pesquisa concebida em 13 de janeiro de 2026 pelo Secretário de Cultura Messias Galvão Pereira Júnior, na cidade de Grajaú

público da cidade e de municípios vizinhos. Nos anos de 2010 o arraial foi se modernizando, onde foi criados concursos de quadrilhas atraindo assim brincantes e públicos da cidade e regiões vizinhas, e assim ampliando também um espaço para show e praça de alimentação tornando se um ambiente familiar de diversão cultura e lazer para a sociedade grajauense (Pereira Junior, entrevista realizada em 13 de janeiro de 2026).

As quadrilhas, Bois e movimentos culturais de danças, arraiais, festas juninas e festas culturais de interior estão amplamente ligadas ao folclore de cada região, daí surgem os nomes e enredos de muitos desses movimentos, como: Boi Guarani e Boi indígena, relacionados ao povo originário do local onde surgem tais representações culturais, como defende o pesquisador e folclorista paraense Vicente de Salles, em seus estudos sobre a cultura da Amazônia e, em especial do Pará (Ricci, 2017). A apresentação dos grupos partia ora da iniciativa de amigos que contribuíram para uma forte amizade ora de núcleos familiares, seus proprietários e brincantes. Assim como as pequenas sociedades carnavalescas cariocas da mesma época, os cordões de boi e de bichos organizavam-se com base em camadas de vizinhança e parentesco. Suas apresentações foram centradas no tema da morte e nascimento de um animal, envolvendo personagens do mundo rural brasileiro e enredos românticos e fantásticos (Costa, 2021 b). Os eventos de encontros entre grupos culturais de boi naquela época costumava acabar em brigas, pauladas, o que resultaria até em ação policial, um dos principais mais famosos Bois naquela época era o Boi Pai do Campo, pois segundo o autor

Os sentidos implicados na divulgação jornalística dos cordões de boi se deram após a Abolição da Escravidão em Belém até o ano de 1908 data em que ocorreu o surgimento do mais divulgado grupo cultural de bumbá a cidade das primeiras décadas XX, do bairro de jurunas, nesse período a imprensa da capital paraense deu destaque aos desdobramentos trágicos desses eventos dedicando se a incentivar e a cobrar a repressão policial a esse tipo de manifestações (Costa, 2021a).

Nos mais variados enredos de Boi existentes foi mencionado, a representação da morte e ressurreição do boi envolvendo personagens do contexto rural brasileiro, ocupando posições desiguais na posição social, mas unidos em uma crítica às autoridades da sociedade tradicional, pois de acordo com o autor (Costa, 2021b) a encenação da farsa desempenharia a função de fortalecer a solidariedade dentro do grupo local, abrangendo todas as suas relações.

2 KARAZAÓ: a história e cultura do boi indígena

As festas populares compreendidas como experiências sociais singulares que rompem temporariamente com a lógica ordinária da vida cotidiana, encontram no Boi Indígena Coração de Karazaó uma expressão concreta dessa suspensão simbólica da rotina. Conforme aponta Jean Duvignaud (1983), a festa instaura um tempo outro, distinto da vida burocratizada, no qual hierarquias, obrigações e controles sociais são momentaneamente relativizados. No contexto do Karazaó, essa ruptura se manifesta no espaço do arraial, onde o cotidiano dá lugar à performance ritual, à dança, à música e à encenação do mito da morte e ressurreição do boi, permitindo à comunidade vivenciar outras formas de pertencimento e expressão cultural.

A ambiguidade entre folclore e cultura popular é debatida por Ricci (2017) reconhecendo que alguns intelectuais os veem como simplistas, enquanto outros os consideram diferentes. O foco está na análise da produção de Vicente Salles, um estudioso que se autodenominava folclorista e historiador da cultura. O objetivo é claro, como Salles utilizou a palavra 'folclore' em suas obras, dada sua própria conclusão de que boa parte de sua pesquisa estava relacionada a esses temas. Nesse sentido, a relação folclore e movimentos culturais estariam sempre atreladas à artistas eruditos em forma de contribuição para alavancar os conhecimentos que se tem acerca das criações culturais materiais e imateriais do povo do nosso país (Costa, 2022).

Esta é a história do Boi Indígena Karazaó, que, no ano de 2025, completou 25 anos de existência. O grupo foi criado em 22 de abril de 2000 por José Ambrósio de Sousa Guajajara e Francisco Hilário dos Santos Silva. Por meio de entrevista, foi possível conversar com o atual organizador do grupo, João Vitor da Silva Barros Guajajara, que relatou as dificuldades e as alegrias de manter ativo um grupo cultural de grande porte ao longo de tantos anos.

Embora seja comumente denominado apenas como “boi indígena”, a manifestação em Grajaú é reconhecida internamente como Boi Indígena Coração de Karazaó, denominação que reforça seu vínculo identitário com o território, a ancestralidade e a memória coletiva local. Essa especificidade evidencia que não se trata de uma reprodução genérica do bumba-meu-boi, mas de uma manifestação singular, marcada pela presença indígena Guajajara e por elementos simbólicos próprios.

A origem do Boi Indígena Coração de Karazaó está ligada ao antigo grupo conhecido como “Rei da Vila”, que, ao longo do tempo, passou por um processo de enfraquecimento. A partir da aquisição desse grupo pelo avô de João Vitor da Silva Barros Guajajara, ocorreu uma

transformação significativa, na qual o boi passou a assumir uma identidade explicitamente indígena. Esse processo revela, conforme aponta Paul Claval (1999), o caráter dinâmico da cultura, entendida não como um sistema rígido, mas como uma herança social continuamente reelaborada. Assim, o Karazaó (figura 9) preserva elementos tradicionais do boi, ao mesmo tempo em que os inscreve a partir da experiência histórica e cultural do povo Guajajara.

Figura 11 - Apresentação do Boi Indígena Coração de Karazaó no Arraial Zeca Teixeira 2025



Fonte: Arquivo pessoal do organizador do grupo João Vitor da Silva Barros Guajajara

Na perspectiva de Roberto Da Matta, a festa constitui ainda uma realidade paralela e efêmera, na qual os papéis sociais são ressignificados e os sujeitos ordinários assumem personagens extraordinários. No Karazaó, essa dinâmica se expressa de forma evidente na incorporação de figuras míticas e simbólicas, como o Pajé, Pai Francisco, Catirina, Cunhã-Poranga, Tuxauas e a Sinhazinha. Esses personagens permitem que os integrantes do grupo transcendam temporariamente suas posições sociais cotidianas, vivenciando, por meio da dramatização e da performance, identidades ligadas ao sagrado, ao mítico e ao histórico. O Pajé, por exemplo, assume papel central ao simbolizar o saber ancestral e espiritual responsável pela ressurreição do boi, reafirmando a importância da cosmologia indígena dentro da narrativa festiva.

Nesse sentido, a festa funciona como uma ponte simbólica entre passado e presente, articulando memórias familiares, mitos fundadores e experiências contemporâneas. A transmissão da tradição ocorre de forma intergeracional, como evidencia o relato do entrevistado, que participa do boi desde os sete anos de idade. Tal continuidade reforça o papel do Karazaó como espaço de

formação identitária, no qual crianças e jovens aprendem valores como coletividade, pertencimento e respeito à ancestralidade.

A música e a dança assumem papel central nesse processo de transmissão cultural. As canções do Boi Indígena Coração de Karazaó narram a história de Grajaú, seus rios, marcos geográficos e religiosos, como a Catedral Nosso Senhor do Bonfim, conectando o mito do boi ao território vivido⁸. Pois para Henri Lefebvre(1991) o espaço é socialmente produzido, sendo resultado das relações sociais, históricas e culturais.

Vai cantar a tradição, Nos braços da emoção, Vai desafiar, vai folcloriar,
Com a menina sinhá, pra lá e pra cá,
Com o Pai Francisco,
A Mãe Catirina
E o Cazumbá.

Meu boi tem o sangue dos Guajajaras,
É o boi do povo de Grajaú,
Evolui para o mundo
E mostra sua dança nessa arena,
Um golpear de paixão (Boi Indígena Karazaó, 2025)

A letra evidencia a música e a dança como meios essenciais de transmissão cultural e preservação da memória coletiva no contexto do Boi Indígena Coração de Karazaó, ao reforçar a oralidade como forma de perpetuar costumes, narrativas e valores culturais entre gerações.

As referências a Grajaú, aos rios e a marcos geográficos e religiosos, como a Catedral Nosso Senhor do Bonfim, estabelecem a relação entre o mito do boi e o espaço vivido, fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade, pois segundo Milton Santos (1996) o mito do boi transforma o espaço geográfico em um espaço vivido e significativo, fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade, pois nele se constroem memórias, identidades e relações sociais. A presença de personagens tradicionais do bumba meu boi, como Pai Francisco, Mãe Catirina e o Cazumbá, evidencia a continuidade dessa manifestação folclórica, adaptada às especificidades locais. Por fim, ao afirmar que o boi “tem o sangue dos Guajajaras” e representa “o povo de Grajaú”, a letra valoriza a herança indígena como elemento central da identidade cultural, projetando essa tradição para além do espaço local sem o rompimento com suas raízes históricas.

A seleção das músicas e coreografias ocorre de forma coletiva, por meio de reuniões entre

⁸ Ver letra na íntegra no Anexo A

os integrantes, demonstrando que a festa é construída socialmente, em consonância com o que Claval (1999) identifica como resultado dos contatos sociais e comunicacionais. Ainda que haja influência de manifestações consagradas, como o Boi Garantido e o Boi Caprichoso de Parintins, essa inspiração não descaracteriza a identidade local, mas contribui para sua reinvenção. Entretanto, como alertam autores como Mircea Eliade (1992) e Luís da Câmara Cascudo (1969), as festas populares enfrentam o risco da mercantilização e da espetacularização. No caso do Karazaó, esse risco se manifesta não pela excessiva exploração comercial, mas pela invisibilização e pela escassez de investimentos públicos. Conforme relatado na entrevista, a tradição enfrenta sérias dificuldades devido à baixa verba cultural e à falta de infraestrutura, o que limita suas apresentações quase exclusivamente ao período junino e reduz seu impacto contínuo na identidade cultural da cidade.

Essa realidade dialoga com a crítica de Hannah Arendt (2002), ao distinguir manifestações culturais dotadas de densidade simbólica daquelas voltadas apenas ao entretenimento imediato. O Boi Indígena Coração de Karazaó mantém sua potência simbólica justamente por não se reduzir a um espetáculo de consumo, mas por articular ludicidade, memória, espiritualidade e pertencimento social. Mesmo diante das dificuldades, os integrantes do grupo investem recursos próprios para confeccionar roupas, fantasias e materiais, evidenciando que a manutenção da festa está ancorada no compromisso afetivo e cultural da comunidade.

Além disso, o Karazaó desempenha um papel educativo fundamental, especialmente no incentivo à participação dos jovens. A inserção nas atividades de música, dança e preparação das apresentações contribui para o fortalecimento do senso de pertencimento e para a construção de uma identidade coletiva, funcionando como um espaço de acolhimento e transformação social. Dessa forma, o Boi Indígena Coração de Karazaó (figura 10) reafirma-se não apenas como manifestação folclórica, mas como prática cultural viva, marcada pela resistência, pela ancestralidade indígena e pela contínua reinvenção da tradição.

Figura 12 - Apresentação do grupo Boi Indígena Coração de Karazaó na Aldeia Morro Branco em Grajaú-Ma



Fonte: Arquivo pessoal do organizador do grupo João Vitor da Silva Barros Guajajara

3 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar a presença e a relevância dos grupos culturais de boi-bumbá no município de Grajaú–MA, tomando como eixo central o Boi Indígena Coração de Karazaó, compreendido como prática cultural viva, dinâmica e profundamente enraizada na história, na memória e na identidade local. Ao longo da pesquisa, foi possível evidenciar que as manifestações culturais associadas aos bois extrapolam o campo do entretenimento, configurando-se como espaços simbólicos de resistência, pertencimento e produção de sentidos coletivos.

A partir da contextualização histórica e territorial de Grajaú, observou-se que a formação cultural do município está diretamente relacionada à presença indígena, aos fluxos coloniais e às transformações sociais ocorridas ao longo do tempo. Nesse cenário, as festas juninas e, especialmente, os bois assumem um papel central na preservação das tradições populares, funcionando como mecanismos de transmissão intergeracional de saberes, valores e práticas culturais.

A análise teórica permitiu compreender as festas populares como experiências sociais singulares, conforme apontam autores como Duvignaud e Da Matta, ao instituírem um tempo simbólico distinto do cotidiano, no qual hierarquias são momentaneamente suspensas e identidades podem ser ressignificadas. O Boi Indígena Coração de Karazaó exemplifica essa dinâmica ao articular mito, dança, música e performance, permitindo que seus integrantes e o público vivenciem

uma realidade ritual marcada pela ancestralidade indígena Guajajara e pela memória coletiva da cidade.

Diante das reflexões apresentadas, compreende-se que o Boi Indígena Coração de Karazaó ultrapassa a condição de manifestação festiva pontual, configurando-se como um fenômeno cultural complexo, profundamente ligado à identidade, à memória e à resistência do povo indígena de Grajaú. Enquanto experiência social singular, a festa instaura um tempo simbólico próprio, no qual o cotidiano é suspenso e outras formas de expressão, pertencimento e sociabilidade se tornam possíveis, conforme apontam Duvignaud e Da Matta.

A partir da análise da entrevista, evidenciou-se que o Karazaó é sustentado por vínculos afetivos, espirituais e comunitários, transmitidos de forma intergeracional e fortalecidos pela participação ativa da comunidade. A presença do Pajé, dos personagens míticos, da música e da dança reafirma o caráter ritual da festa, no qual o mito da morte e ressurreição do boi atua como metáfora da própria continuidade cultural, mesmo diante das adversidades históricas e sociais.

Nesse sentido, o Karazaó confirma a concepção de cultura defendida por Claval, enquanto sistema dinâmico e em constante reelaboração, capaz de preservar elementos simbólicos fundamentais ao mesmo tempo em que dialoga com transformações contemporâneas. Ainda que influenciado por outras manifestações do boi-bumbá, o Boi Indígena Coração de Karazaó mantém sua singularidade ao ancorar-se na ancestralidade Guajajara, no território de Grajaú e nas memórias coletivas que estruturam essa prática cultural.

Todavia, o estudo também revelou os desafios enfrentados para a manutenção da tradição, especialmente no que se refere à insuficiência de investimentos públicos e à visibilidade restrita às festividades juninas. Essa realidade reforça a necessidade de políticas culturais mais sensíveis às especificidades locais e às manifestações indígenas, reconhecendo o Karazaó não apenas como entretenimento, mas como patrimônio cultural vivo, dotado de valor histórico, social e educativo.

O Boi Indígena Karazaó, foi criado em 22 de abril de 2000 por José Ambrósio de Sousa Guajajara e Francisco Hilário dos Santos Silva. E que por meio de entrevista, foi possível conversar com o atual organizador do grupo, João Vitor da Silva Barros Guajajara, que relatou as dificuldades e as alegrias de manter ativo um grupo cultural de grande porte ao longo de tantos anos.

Por fim, o Boi Indígena Coração de Karazaó afirma-se como um espaço de formação, acolhimento e fortalecimento identitário, sobretudo para os jovens, ao promover o senso de pertencimento e a valorização da cultura indígena. Assim, preservar e valorizar essa manifestação

significa não apenas garantir a continuidade de uma festa, mas assegurar a permanência de saberes, memórias e modos de vida que constituem a própria história cultural de Grajaú.

Os resultados da pesquisa de campo, especialmente por meio das entrevistas e da observação participante, evidenciaram que a continuidade do Karazaó está diretamente ligada ao engajamento afetivo e comunitário de seus integrantes. A tradição se mantém viva não apenas pelo apoio institucional — que ainda se mostra insuficiente —, mas, sobretudo, pela resistência cultural, pelo investimento pessoal dos brincantes e pela paixão que sustenta o grupo mesmo diante das dificuldades estruturais. Tal realidade confirma a concepção de cultura defendida por Claval, enquanto sistema aberto, dinâmico e constantemente reelaborado.

Além disso, a pesquisa revelou que os bois de Grajaú dialogam com outras manifestações culturais nacionais, como os bois de Parintins, apropriando-se de referências coreográficas, musicais e estéticas sem perder sua identidade local. Essa relação evidencia processos de adaptação cultural que fortalecem as apresentações, ao mesmo tempo em que reafirmam a singularidade dos grupos grajauenses. A rivalidade simbólica entre os bois, ainda que não institucionalizada por meio de competições oficiais, permanece como elemento constitutivo das dinâmicas culturais locais, contribuindo para o fortalecimento da identidade de cada grupo. Destaca-se, ainda, o papel social e educativo desempenhado pelo Boi Indígena Coração de Karazaó, especialmente no envolvimento de jovens, oferecendo um espaço de acolhimento, expressão artística e construção identitária. Nesse sentido, o boi atua como instrumento de enfrentamento ao preconceito, de valorização da cultura indígena e de fortalecimento dos vínculos comunitários.

Por fim, conclui-se que o Boi Indígena Coração de Karazaó representa não apenas uma manifestação folclórica, mas um patrimônio cultural imaterial de grande relevância para Grajaú. Sua preservação e valorização exigem maior reconhecimento institucional e políticas públicas culturais que compreendam a cultura como dimensão fundamental da vida social. Assim, este estudo reafirma a importância de pesquisas que deem visibilidade às práticas culturais locais, contribuindo para a salvaguarda da memória, da identidade e da diversidade cultural maranhense.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar de Freitas. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica**. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1998.
- BOI INDÍGENA KARAZAÓ. **Meu boi**. Grajaú, 2025. Material cedido pelo grupo.
- Cavalcanti, M. L. V. D. C. (2000). O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, 6, 1019-1046.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da. Boi de Fama:" Pessoal de bumbá", agentes do estado, jornalistas, literatos e a sociabilidade festiva nos subúrbios de Belém (décadas de 1920 e 1930). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 37, p. 185-216, 2021a.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da. Guerreiros da pândega: batuques negros e encontros de bois-bumbás nos jornais de Belém do Pará no pós-Abolição (1888-1908). **Tempo**, Niterói, v. 27, p. 247-268, 2021b.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da. Os bumbás da Amazônia: literatura, etnografia e folclorização dos cordões de boi nas versões de intelectuais modernistas (1927 - 1943). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 49, p. 193-216, jan\abr. 2022.
- DA COSTA, Clonildes Aquino. **Festa junina: síntese de uma mistura cultural**. UAB. 2012. Disponível em: 2012_CleonildesAquinodaCosta.pdf. Acesso em: 15 jan. 2026.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUVIGNAUD, Jean. **Fêtes et civilisations**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Maria José de Aguiar Silva. **Processo de expansão urbana: o caso do Bairro Recanto dos Pássaros em Grajaú/MA**. 2023. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2023.
- GRAJAÚ(município).**Inventário da Oferta Turística**. Grajaú: Sebrae, 2021.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage/Open University, 1997

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

RICCI, Magda Maria de Oliveira et al. Do Folclorismo à História da Cultura na Amazônia: o percurso construído por Vicente Salles. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, p. 221-240, 2017.

SANTOS, Rodrigo Mendes dos. **As comissões de conciliação prévia como meio alternativo à jurisdição estatal para a solução dos conflitos trabalhistas**. Palhoça, SC: [s.n], 2002. Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Direito da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Santos, F. S. D. D. (2007). O povo das águas pretas: o caboclo amazônico do rio Negro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14, 113-143.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 21, p. 166-193, 2000.

VENTURA, Deisy. **Monografia jurídica**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **ANTHROPOLÓGICAS**, ano 11, v. 18, (2) p. 49-74 (2007).

MORIGI, Valdir. Festa junina: hibridismo cultural. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 18, n. 2, 2011.

NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. **A simbologia do imaginário popular nas festas juninas**. S.l.: s.n., s.d.

SAMPAIO, Alexandre; CHAVES, Cleiane; SANTOS, Ruth Helena Carvalho. **Grajaú: cidade da gente: estudos regionais: anos finais**. Fortaleza. Didáticos Editora, 2022.

APÊNDICE A – Entrevista com o organizador e integrante do Boi Indígena Karazaó

Entrevista realizada pelos autores no ano de 2025, no município de Grajaú (MA), com João Vitor da Silva Barros Guajajara, Pajé do grupo folclórico Boi Indígena Karazaó.

Apresentação e Relação com o Boi

1- Apresente-se e conte um pouco da sua relação com o boi e quando você começou a participar dessa tradição.

Resposta: “Eu me chamo João Vitor da Silva Barros Guajajara. Eu estou no boi desde os meus 7 anos de idade. Eu sou Pajé do grupo folclórico Boi Indígena, aqui de Grajaú, Coração de Carazaó, e é isso.”

Origem e Particularidades Locais

3- Qual a origem do boi em Grajaú? Há alguma particularidade local?

Resposta: “O Boi Indígena vem através do antigo ‘Rei da Vila’. Passaram vários anos, aí o grupo Rei da Vila foi querer se acabar, meu avô comprou, aí se transformou no Boi Indígena, que está até hoje. E a gente vem trazendo, fazendo essa cultura até hoje acontecer.”

Personagens e Símbolos

4- Quais são os principais personagens e símbolos dessa manifestação cultural?

Resposta:

- “Pajé”: O curandeiro. Ele é o responsável por “ressuscitar” o boi após a morte causada pelo Pai Francisco
- Sinhazinha: A menina que se apaixonou pelo boi.
- Gazumbá e Pai Francisco: Quem mataram o boi.
- Catirina: Desejava a língua do boi.
- Cunhã-Poranga: A cunhã da aldeia.
- Tuxauas: Os guerreiros da tribo.
- Rainha do Folclore: Rainha da mata.
- Porta-Estandarte: O símbolo do boi.

- O Boi: O centro de todo o contexto e da história.”

5- Como a tradição do boi se mantém viva ao longo dos anos?

Resposta: “A tradição se mantém viva pelo amor e paixão, através da resistência. Como a verba cultural é baixa e muitas vezes chega atrasada, os integrantes tiram dinheiro do próprio bolso para manter a cultura de pé em todos os arraiais.”

Ritmos e Músicas Marcantes

6- Quais são os ritmos e músicas marcantes do boi em Grajaú?

Resposta: “Nossa música própria do Boi Bumbá Indígena, que fala sobre a história do Grajaú, dos rios, da Ponte de Tábua e da nossa igreja Catedral, Nosso Senhor do Bonfim.”

7- Como é feita a escolha das músicas e coreografias para as apresentações?

Resposta: “Através de reuniões com todo o grupo. A inspiração são o Boi Garantido e o Boi Caprichoso, lá de Parintins.”

8- Por que a história do boi é contada em ritmo de dança e música?

Porque a dança é a linguagem pela qual conseguimos transmitir o mito da morte e também a ressurreição do boi, mostrando para o público a narrativa de uma forma mais emocionante. E também é uma forma que a gente consegue brincar, sentir, balançar e ser feliz.”

Envolvimento da Comunidade e Desafios

9- Como a comunidade se envolve na preparação e realização do boi?

Resposta: “Todo o grupo se ajuda para fazer as fantasias e as roupas. E é através de reuniões que nos reunimos para a preparação das fantasias, das coreografias, enfim...”

10- Como o boi impacta a identidade cultural da cidade?

Resposta: “ O boi impacta pouco a identidade cultural da cidade por falta de investimento, já que se apresenta apenas no período junino.”

Desafios para manter a tradição

11- Qual o maior desafio para manter essa tradição viva?

Resposta: “O maior desafio para deixar essa tradição viva é a verba e a falta de infraestrutura. A verba que vem pra gente é tão pouco, quase não dá pra nada, e vem muito em cima, uma semana antes de acontecer o evento. A gente tem que se virar nos trinta para poder confeccionar as roupas e os demais materiais necessários, pois leva cerca de meses para preparar tudo. Apesar disso, nós não desistimos e fazemos acontecer, que é mostrar esse nosso trabalho que a gente carrega até hoje.”

O futuro do Boi em Grajaú

12- Como você vê o futuro do boi e Grajaú?

Resposta: “Eu acho que precisaria melhorar mais e olhar mais para a cultura de Grajaú que a gente carrega há mais de 29 anos. Eu acho que, quando chega em termos de festas juninas, eles se preocupam primeiro com as quadrilhas do que com as demais apresentações folclóricas que se apresentam dentro do arraial. E como nós sabemos, Grajaú é praticamente uma terra indígena, então por isso deveria melhorar mais e valorizar essa nossa cultura.”

Incentivo aos Jovens

13- Qual a iniciativa para incentivar a participação dos jovens no grupo?

Resposta: “Eu acho que mais para educar, pois ao integrar os jovens nesse meio, da música da preparação da dança, das coreografias, eles acabam se sentindo acolhidos, e é isso que fazemos, e isso acaba ajudando a aumentar o senso de pertencimento desses jovens na comunidade. Com isso, muitos acabam mudando a forma de como vêem o mundo, mudando a perspectiva, e assim virando parte da família.

O significado pessoal do Boi

14- O que o boi representa para você?

Resposta: “Para mim, como eu faço parte da organização e sou Pajé, isso já é um amor que a gente não consegue explicar. Já faz parte da nossa vida e a gente carrega isso e mantém vivo até hoje. Estamos sempre melhorando.”

15 – Se pudesse deixar uma mensagem para quem quer conhecer mais sobre essa tradição do boi em Grajaú, qual seria?

Resposta: “Procure entender mais sobre o folclore, busque, dê mais atenção. Depois que vocês souberem de tudo, vocês vão perceber o quanto é bonito viver isso que a gente vive, essa cultura, porque ela já faz parte da gente, já faz parte de nós. E é tão bonito!”

APÊNDICE B – Registros fotográficos da entrevista com o organizador e integrante do Boi Bumbá Indígena Coração de Karazão.



ANEXO A – Letra da música do Boi Indígena Karazaó

Música autoral do Boi Indígena Karazaó, cedida pelo grupo por meio de entrevista realizada no ano de 2025, no município de Grajaú (MA).

*Nasceu de um sonho lindo,
Desse povo valente e bravio,
O meu boi indígena
Para o mundo declarar.*

*Todo um branquinho feito para amar,
Com fé e devoção,
Recebe a proteção
Do Nosso Senhor do Bonfim.*

*Ensinou o sentido do amor
Ao meu povo de alma indígena,
E hoje é o som do meu tambor
Que faz a tradição seguir viva.*

*Vai cantar a tradição,
Nos braços da emoção,
Vai desafiar, vai folclorear,
Com a menina sinhá, pra lá e pra cá,
Com o Pai Francisco,
A Mãe Catirina
E o Cazumbá.*

*Meu boi tem o sangue dos Guajajaras,
É o boi do povo de Grajaú,
Evolui para o mundo
E mostra sua dança nessa arena,
Um golpear de paixão.*

Meu boi, meu boi, meu boi,

*Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boizinho,
Sempre vou te amar.*

*Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boi,
O meu sonho é te balancear,
Te balancear, te balancear.*

*Vai cantar a tradição,
Nos braços da emoção,
Vai desafiar, vai folclorear,
Com a menina sinhá, pra lá e pra cá,
Com o Pai Francisco,
A Mãe Catirina
E o Cazumbá.*

*Meu boi tem o sangue dos Guajajaras,
É o boi do povo de Grajaú,
Evolui para o mundo
E mostra sua dança nessa arena,
Um golpear de paixão.*

*Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boizinho,
Sempre vou te amar.*

*Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boi, meu boi, meu boi,
Meu boi,
O meu sonho é te balancear,*

Te balancear, te balancear.